

FLORI, Jean. *Guerra Santa. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013, 416p.

Guilherme Queiroz de Souza
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Assis

Resenha recebida em: 07/11/2014
Resenha aprovada em: 20/11/2014

Discípulo de Georges Duby, que o orientou durante o doutorado na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, Jean Flori é um dos mais renomados medievalistas franceses da atualidade. Entre 1991 e 2001, atuou na direção do *Centre d'Etudes Supérieures de Civilisation Médiévale* (CESCM) e, desde 1987, conduz investigações no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS). Sua produção historiográfica conta com dezenas de artigos e livros, que abrangem temas como Guerra Santa, Cruzada, Cavalaria, Islamismo, etc., com ênfase nos séculos XI-XII.¹

A obra que resenhamos foi publicada originalmente em francês com o título *La Guerre Sainte. La formation de l'idée de croisade dans l'Occident chrétien* (Paris: Aubier-Flammarion, 2001). Em 2003, ela recebeu traduções para o espanhol² e para o italiano³ e, em 2013, a Editora da UNICAMP nos brindou com essa edição em português,⁴ cuja tradução foi realizada por Ivone Castilho Benedetti, com a revisão técnica e *Prefácio* a cargo da Profa. Dra. Néri de Barros Almeida. Além da “introdução” e

¹ Uma lista de todos os trabalhos de Jean Flori é disponibilizada no seguinte endereço: <<http://flori.jean.pagesperso-orange.fr/index.htm>>.

² FLORI, Jean. *La guerra santa. La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*. Traducción de Rafael G. Peinado Santaella. Madrid: Editorial Trota, 2003.

³ FLORI, Jean. *La guerra santa. La formazione dell'idea di crociata nell'Occidente cristiano*. Traduzione di Paola Donadoni. Bologna: Il Mulino, 2003.

⁴ FLORI, Jean. *Guerra Santa. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

“conclusão”, o trabalho está dividido em 10 capítulos, com uma extensa bibliografia final (42 páginas) em que, estranhamente, são listadas apenas as fontes secundárias utilizadas.

A principal finalidade do livro é analisar a formação da ideia de Cruzada no Ocidente cristão, acompanhada na *longue durée* (“longa duração”) histórica, entre os séculos IV e XI. De maneira didática e pragmática, Flori sintetiza o que seria o conceito de “Cruzada”: “uma guerra santa que tem por objetivo a libertação de Jerusalém”.⁵ Trata-se de um combate sacralizado, amadurecido somente no fim do século XI, e que se diferencia de qualquer outra guerra santa pelo seu propósito central: reconquistar o túmulo de Cristo, o Santo Sepulcro, na Palestina.

Mas por que começar pelo século IV? A razão disso é que o autor acompanha uma perspectiva, desenvolvida em outras obras, que considera o cristianismo primitivo uma religião inteiramente pacífica.⁶ Ora, Jesus Cristo pregava a paz, era um adepto radical da não violência: “Eu, porém, vos digo: não resistais ao homem mau; antes, àquele que te fere na face direita oferece-lhe também a esquerda” (Mt 5, 39). A noção de “amor universal” seria, portanto, a única expressão do discurso neotestamentário. Na percepção de Flori, o processo de sacralização da guerra se iniciou apenas com a oficialização do cristianismo no mundo romano (exatamente no século IV), quando os cristãos tiveram que pegar em armas para defender o novo *Imperium Christianum*, especialmente contra os germanos que atravessavam o *limes*. Naquela época, coube a Santo Agostinho (354-430) elaborar a justificativa para o emprego do belicismo.⁷

No entanto, nem todos os historiadores concordam com essa proposição. Jesus apresentava por vezes um pacifismo duvidoso, como percebemos em algumas passagens (metafóricas ou literais) do próprio Evangelho. Ele havia expulsado os vendilhões do Templo de forma truculenta (Mc 11, 15-17; Mt 21, 12; Lc 19, 45; Jo 2, 11-17), além de ter declarado que, “se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus” (Jo 18, 36).⁸ Nos séculos

⁵ FLORI, Jean. *Guerra Santa. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013, p. 360.

⁶ Por exemplo, FLORI, Jean. *Guerre sainte, jihad, croisade*. Violence et religion dans le christianisme et l’islam. Paris: Seuil, 2002, p. 15-24.

⁷ FLORI, Jean. *Guerra Santa...*, *op. cit.*, p. 42-44.

⁸ Ver também Mt 10, 34; Mt 11, 12; Lc 12, 51-53; Lc 22, 35-38.

I-III, muitos cristãos exerceram atividades militares e integraram legiões romanas, entre as quais a famosa *Legio XII Fulminata* durante a campanha na Germânia (174).⁹

Seja como for, Flori indica que a segunda evolução da embrionária ideia de cruzada ocorreu no período carolíngio. Nos séculos VIII-IX, existiam relações favoráveis entre a Igreja e o Estado, provenientes da perspectiva de “Império Cristão”, noção idealizada por Constantino (c. 272-337) e retomada por Carlos Magno (c. 742-814).¹⁰ O declínio carolíngio não refreou a sacralização da guerra, pois era necessário proteger os bens eclesiásticos das investidas dos senhores feudais. Nos escritos dos monges e clérigos, os santos patronos apareciam milagrosamente para proteger a Igreja ou amparar aqueles que lutavam em nome dela. Neste sentido, “pode-se então falar de violência sagrada dos santos. Essa forma de religiosidade constituiu uma etapa importante na formação da ideia de guerra santa”,¹¹ ressalta o autor no capítulo 4.

O livro é recortado pela articulação e paralelismo entre as concepções de “guerra santa” e “cruzada”. Ambas apresentavam certas características, a saber: apoio do Papado, demonização dos adversários, presença de sacerdotes, “esperança escatológica, expectativas de recompensas materiais ou espirituais, noção de vingança ou de desforra, vestígios de xenofobia ou antijudaísmo, ou mesmo intenção de conversão”.¹² Aqui, Flori compartilha da opinião de autores como Hans E. Mayer e Paul Rousset, para os quais seria um equívoco denominar de “Cruzada” uma expedição caso o objetivo principal não fosse a libertação (ou defesa) do Santo Sepulcro. Ele considera que toda Cruzada apresenta sinais de uma guerra santa, mas nem toda guerra santa revela traços de uma Cruzada.¹³ Por tudo isso, podemos classificá-lo de “tradicionalista”, ou seja, um historiador que denomina de verdadeiras “Cruzadas” apenas as campanhas relacionadas

⁹ CABRERO PIQUERO, Javier. El concepto de la guerra en el cristianismo primitivo desde los Evangelios a San Agustín. *Revista de Historia Militar* (Instituto de Historia y Cultura Militar), número extra, año LIII, 2009, p. 88; 103. Disponível em: < http://www.portalcultura.mde.es/Galerias/revistas/ficheros/RHM_Extra1.pdf>

¹⁰ FLORI, Jean. *Guerra Santa. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013, p. 35-37.

¹¹ *Ibid.*, p. 110.

¹² *Ibid.*, p. 22.

¹³ “Mas a cruzada era mais que guerra santa, da qual tinha, porém, todas as características. Difere dela essencialmente pelo fato de que seu objetivo era a libertação do Sepulcro de Cristo em Jerusalém, lugar santo por excelência”, *Ibid.*, p. 360.

à Jerusalém.¹⁴ Essa corrente se contrapõe à “pluralista”, cujos acadêmicos – Jonathan Riley-Smith, por exemplo – defendem como “Cruzadas” expedições em nome de Cristo com diferentes inimigos e cenários de atuação.¹⁵

Ao longo de sua obra, Flori põe à prova teses consagradas pela historiografia. No capítulo 3, o autor matiza uma teoria segundo a qual a “Paz de Deus” havia sido um movimento político-social com um amplo e profundo alcance. Neste projeto, por meio de ameaças espirituais, proibia-se aos combatentes investir contra os santuários cristãos e os *inermes* (mercadores, religiosos e camponeses). Com isso, a “sociedade feudal anárquica” poderia ser salva. Na verdade, afirma Flori, mediante a “Paz de Deus” “a Igreja não proibiu a guerra e promoveu a paz: ela ‘moralizava’ a paz e a guerra em função de seus próprios objetivos e de seus interesses”. Se tal programa eclesiástico não pode ser considerado o antecedente imediato do processo cruzadístico, sem dúvida ele foi “uma etapa importante na formação da ideia de cruzada”.¹⁶

Outra significativa questão revisitada, dessa vez no capítulo 9, diz respeito à influência decisiva que a Reforma Papal supostamente desempenhou na gestação do ideal de cruzada, segundo uma antiga tese do alemão Carl Erdmann. De acordo com Flori, o movimento exerceu um papel principal na formação da Cruzada, mas não converteu a “guerra justa” em “guerra santa” e, depois, em “Cruzada”. Ao contrário do que se pensava, a Reforma apenas “aproveitou a seu favor a noção, admitida e praticada, de combates sacralizados, para transformá-la em instrumento ideológico em sua luta contra os adversários”.¹⁷

No capítulo 8, Flori afirma que o “Ocidente pouco se interessava pelos muçulmanos antes que eles chegassem à parte ocidental do Mediterrâneo”,¹⁸ ou seja, nas últimas décadas do século VII. Para comprovar esse argumento, o autor recorre às obras do monge anglo-saxão Beda, o *Venerável* (c. 672-735), e à *Crônica Moçárabe* (c. 754), escrita por um hispânico anônimo. Tal “desinteresse” era verdadeiro; no entanto,

¹⁴ Flori insiste nesse conceito de “cruzada” em um artigo de 2004: “La croisade était une guerre sainte ayant pour objectif la récupération des Lieux saints de Jérusalem par les chrétiens”, FLORI, Jean. Pour une redéfinition de la croisade. *Cahiers de civilisation médiévale*, vol. 47, 2004, p. 349.

¹⁵ Para esse debate historiográfico, ver CONSTABLE, Giles. The Historiography of the Crusades. In: LAIOU, Angeliki E; MOTTAHEDEH, Roy Parviz (eds.). *The Crusades from the Perspective of Byzantium and the Muslim World*. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks, 2001, p. 12-22.

¹⁶ FLORI, Jean. *Guerra Santa. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013, p. 100.

¹⁷ *Ibid.*, p. 274.

¹⁸ *Ibid.*, p. 243.

acreditamos que o medievalista francês deveria ter indicado, como bem fez Franco Cardini,¹⁹ que existia ao menos um ocidental que registrou (c. 658-660) a expansão árabe já no Oriente Médio e no Mediterrâneo oriental, considerando-a, inclusive, uma ameaça apocalíptica: referimo-nos ao cronista merovíngio Fredegário.²⁰ Essa ausência é um detalhe que, evidentemente, não compromete o tema central, nem ofusca o brilhantismo do livro.

A obra de Jean Flori contribui para o entendimento de um dos fenômenos mais importantes da história ocidental. Estamos diante de uma crítica documental vigorosa e de um diálogo fecundo com a historiografia especializada. A presente edição ajuda a renovar a bibliografia em português sobre as Cruzadas, um pouco “envelhecida” desde a tradução dos trabalhos clássicos de Zoé Oldenbourg, Paul Rousset, Steven Runciman e René Grousset, sobretudo.²¹ Juntamente com o livro de Christopher Tyerman,²² o *Guerra Santa. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão* é um estudo recente e de grande erudição oferecido aos pesquisadores lusófonos do movimento cruzadístico.

¹⁹ CARDINI, Franco. Nas raízes do encontro-desencontro entre Europa e Islã. Um profeta e três continentes. *Signum. Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, n° 3, 2001, p. 44.

²⁰ FREDEGÁRIO. *Chronique des temps mérovingiens (Livre IV et Continuations)*. Turnhout: Brepols, 2001, p. 156-161; 182-185. Sobre esse assunto, ver SOUZA, Guilherme Queiroz de. A reação do *basileus* Heráclio (c. 575-641) frente aos judeus e árabes no Livro IV da *Crônica* de Fredegário (†c. 660): ameaças apocalípticas? *Brathair. Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, vol. 11 (2), 2011, p. 19-23. Disponível em: <<http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/687/609>>.

²¹ Respectivamente, OLDENBOURG, Zoé. *As Cruzadas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968; ROUSSET, Paul. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980; RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas*. Lisboa: Horizonte, 1992-1995, 3 vols; GROUSSET, René. *A epopéia das Cruzadas*. Lisboa: Europa-América, 1998.

²² TYERMAN, Christopher. *A Guerra de Deus: uma nova história das Cruzadas*. Lisboa: Alêtheia, 2009.